



Ex-número 2 de Torres fala em “erro” da PM...

Fernando Oliveira diz à PF que a corporação do Distrito Federal falhou na execução do plano operacional. Segundo ele, era responsabilidade da instituição o planejamento quantitativo de efetivo, equipamentos, viaturas e tropas especializadas a serem usadas

» ANDREA MALCHER
» TAINÁ ANDRADE

Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



Segundo Oliveira, horas antes dos atentados, a maior parte das informações da inteligência era de que a situação estava controlada

Em depoimento à Polícia Federal, na quarta-feira, o ex-secretário executivo de Segurança Pública do Distrito Federal Fernando de Sousa Oliveira disse considerar que houve erro na ação da Polícia Militar para conter os atos golpistas em 8 de janeiro.

De acordo com Oliveira, era responsabilidade da PMDF todo o planejamento quantitativo de efetivo policial, equipamentos, viaturas e tropas especializadas a serem utilizadas. Ele informou, ainda, que não tomou conhecimento das estratégias da corporação.

O ex-número dois da equipe de Anderson Torres na SSP-DF — que entregou o celular à PF — relatou que havia um monitoramento, um plano estratégico e grupos de WhatsApp montados com o objetivo de facilitar as respostas às manifestações antidemocráticas.

Horas antes dos atos, porém, a maior parte das informações da inteligência comunicadas nos grupos era de que a situação estava controlada. Ciente das informações, Torres, que já tinha viajado aos Estados Unidos, em férias, determinou “continuidade do monitoramento dos atos”.

Segundo Oliveira, foram poucas as atualizações enviadas aos grupos da segurança, ainda que, em um deles, nomeado “Difusão”, estivessem presentes Torres e o então comandante da PMDF Fábio Augusto Vieira. O teor das mensagens anunciavam “ânimos pacíficos”, “situação tranquila e sem alteração”, “normalidade”, “tudo normal” e “policimento reforçado”.

“Tais grupos eram responsáveis por subsidiar e difundir as informações de inteligência referentes às manifestações em tempo real. Recebeu por meio dos grupos Difusão e Perímetro poucas informações sobre radicais, sendo sua grande maioria advinda de rede social, e não de acompanhamento in loco, realizado

por policiais de inteligência. Em linhas gerais, as informações de campo apontavam para um ambiente controlado”, detalhou o depoimento, obtido pelo **Correio**. Oliveira, ao tomar conhecimento do tamanho do caos pela televisão, disse que se deslocou até a Esplanada, tentando se aproximar pelo Itamaraty, onde se encontrava o comando das tropas especializadas.

Vieira já estava no local, tomando medidas junto à corporação. Segundo Oliveira, ele solicitou reforço das tropas especializadas da instituição para proteger as instalações do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Palácio do Planalto, uma vez que o Congresso já havia sido invadido.

“Diante da ausência do titular da pasta, secretário Anderson, achou por bem acionar o gabinete de crise com a convocação de todos os comandantes das forças, deslocamento de todas as tropas localizadas nas cidades satélites para a Esplanada, recrutamento dos policiais de folga e também determinou que fossem efetuadas prisões de pessoas que se encontrassem em situação flagrante e a identificação dos invasores”, ressalta um trecho da oitiva.

Contato com Ibaneis

Na véspera do quebra-quebra, ao meio-dia, Torres orientou Oliveira a entrar em contato

com o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB). O próprio Ibaneis ligou às 13h e determinou que Oliveira recebesse os pontos focais do Ministério da Justiça.

De acordo com o governador, a divisão da segurança, estabelecida com o Ministério da Justiça e a Força Nacional (FN) tinha ficado da seguinte forma: segurança do Palácio da Justiça e da sede da Polícia Federal era de responsabilidade da Força Nacional, e as demais áreas do DF seriam cobertas pelas forças de segurança distritais, conforme o Plano de Ações Integradas original.

Além disso, Ibaneis informou que “durante o monitoramento de inteligência da madrugada

do dia 07 para 08, as forças de segurança não reportaram nenhum movimento atípico até as 13h de domingo, inclusive com imagens de poucas pessoas na Esplanada dos Ministérios”.

Monitoramento

Dois dias antes do ato terrorista na Esplanada, ocorreu uma reunião, coordenada pela subsecretaria de Operações Integradas, coronel Cíntia Queiroz de Castro, para definir as matrizes de responsabilidade de cada órgão de segurança pública do DF para possíveis manifestações.

Estiveram presentes Polícia Militar (PMDF), Polícia Civil



Recebeu por meio dos grupos Difusão e Perímetro poucas informações sobre radicais, sendo sua grande maioria advinda de rede social, e não de acompanhamento in loco, realizado por policiais de inteligência”

Trecho do relato de Fernando Oliveira à Polícia Federal

(PCDF), Detran, Polícia Legislativa das duas Casas do Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal (STF) e Ministério das Relações Exteriores (MRE). Ao final do encontro, um plano estratégico foi produzido por Cíntia Castro, baseado no relatório de inteligência da SSP/DF que previa manifestações exaltadas. No mesmo dia, o documento foi aprovado por Torres.

De acordo com Oliveira, antes dos ataques, todo o monitoramento era feito por redes sociais por meio de uma rede de inteligência que acontecia individualmente pela central de cada instituição e era difundida para os demais. (Colaborou Kelly Hekally, especial para o Correio)

...E diz que não recebeu orientação sobre o cargo

O ex-número 2 de Anderson Torres na Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Distrito Federal, Fernando de Sousa Oliveira, disse, no depoimento à Polícia Federal, que seu superior saiu de férias sem lhe repassar diretrizes específicas para o cargo. Torres viajou aos EUA poucos dias antes dos atos golpistas realizados em Brasília em 8 de janeiro.

Oliveira afirmou que assumiu a secretaria executiva da SSP em 3 de janeiro e, dois dias depois, Torres o avisou que ia viajar no final de semana e deixaria aprovado o planejamento de segurança para as manifestações dos dias 6, 7 e 8.

Após mencionar a ida de Torres aos EUA, o braço-direito do então secretário sustentou à PF que não recebeu “nenhuma diretriz específica” sobre o ato que culminou em ofensiva violenta. Destacou ainda que “ficou combinado que ele seria acionado em caso de necessidade” e disse que Torres não o apresentou aos comandantes das forças policiais

do DF, nem ao governador Ibaneis Rocha antes de viajar.

Alegação

Torres já alegou ao Supremo Tribunal Federal (STF) que comprou as passagens para os Estados Unidos em novembro e que “diligenciou” sobre os atos bolsonaristas antes de viajar.

Tão logo desembarcou no país, no sábado, Torres foi preso pela Polícia Federal por ordem do ministro Alexandre de Moraes, do STF. O aliado do presidente Jair Bolsonaro e ex-ministro da Justiça é acusado de omissão ante os atos golpistas.

Na quarta-feira, um delegado da PF foi ao 4º Batalhão da Polícia Militar no DF, no Guará, para ouvir Torres, mas o ex-secretário de Segurança Pública se calou. O aliado de Bolsonaro disse à Polícia Federal que esclareceria “tudo o que lhe for perguntado” tão logo sua defesa tivesse acesso aos autos da investigação.

Lúcio Bernardo Jr./Agência Brasília



Torres não teria apresentado seu então número 2 aos comandantes das forças policiais do DF

» Ex-secretário vai depor na segunda

O novo depoimento do ex-secretário de Segurança Pública do DF Anderson Torres está marcado para a próxima segunda-feira, às 10h30. Na primeira oitiva, na quarta-feira, o ex-ministro da Justiça de Jair Bolsonaro se manteve em silêncio, estratégia adotada porque a defesa dele não teve acesso à investigação. Em manifestação no inquérito de autoria do Ministério Público Federal (MPF), sobre os atos golpistas em 8 de janeiro, publicada ontem, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), classifica a investigação contra o governador afastado do DF, Ibaneis Rocha (MDB-DF), e o ex-secretário de Segurança Pública Anderson Torres como pública e determina que as defesas de ambos tenham acesso aos autos.